

Presbíteros: Ministério e Vida

Heranças e Proximidades na Igreja da Amazônia gestada em Santarém 1972

O ministério e a vida dos presbíteros das comunidades eclesiais na Amazônia carregam uma herança vasta e plural, marca da presença missionária cristã neste bioma. A primeira dela é a da coragem missionária; “Ide e fazei discípulos meus entre os povos.” (Mt 28,19) Vindos na sua maioria de fora, de outras terras, muitos missionários se “embrenharam mata adentro” no desejo do anunciar e do espalhar a fé cristã aos diversos povos encontrados: indígenas, ribeirinhos, caboclos, colonos, seringueiros, pobres migrantes, posseiros... que habitavam os rios e florestas desta vasta e plural região.

Tal bravura moldou e ainda desenha de certo modo o ser “padre/presbítero” na Amazônia. Mais que resquícios, há uma herança, pois na Amazônia temos presbíteros com este ímpeto missionário. Não se esquece o pe. Geraldo, TOR, da prelazia de Borba, pe. Luiz Laudato e pe. Casimiro Besta, SDB, no Alto Rio Negro, e ainda entre nós de Roraima, o lendário pe. Jorge Dal Ben. Missionários que passaram de estrangeiros a irmãos, “Ah! O padre é nosso irmão...” assim se fala nos lábios e no coração de tantas pessoas das comunidades.

Hoje, ainda se sente o aroma da audaciosa profecia do Pe. Vieira no brado quase solitário: na defesa da liberdade indígena frente ao padroado colonial português. O brado dos sermões da Epifania, do Bom Ladrão... ressoa quando os missionários e missionárias levantam a voz para defender os povos que, de maioria, a colonização fez minorias, mas que teimam em gerar vida frente aos genocídios arquitetados.

Na segunda década deste milênio, isso ressoa tão evidente: “...no que depender de mim, nenhum palmo de terra demarcada mais...” (Presidente da República, Folha de SP/ nov. 2018). É atualíssimo o grito, em 1972, “Y Juca Pirama - o Índio, aquele que deve viver”, bem como o grito da Igreja em defesa da vida na Amazônia, manifesto ecológico dos bispos desta região em 1990, na casa do que se fez pobre e irmão universal, São Francisco.

Com a irmandade de tantos presbíteros, religiosas, missionários/as do CIMI, dezenas de povos saíram do silêncio em que foram forçados a se ocultar para sobreviver. Ressurgiram das cinzas e estão lutando por seus direitos e terras. Como não ouvir o anúncio, aviso de morte dia atrás, de um dos dragões da morte no ronco devastador do garimpo que avança sobre a terra dos Yanomami, dos Mundurucus? Vozes, sussurros missionários, quase solitários, como o de Vieira, na contramão neocolonial negadora da identidade, do direito às terras e da pluralidade étnica.

Muitos presbíteros na Amazônia tentam carregar o mais audacioso sopro, o ‘dizer’ do Espírito às Igrejas dessas bandas, que foi e continua sendo desafio do ser Igreja: Encarnação e Evangelização, as duas diretrizes do documento de Santarém. A ousadia da missão, eis a segunda herança, caminho do Verbo Jesus Cristo - encarnação e anúncio da

boa notícia do Reino, deixada aos livres, que desejam o caminho do discípulo/apóstolo. Desde 1972, em Santarém, a encarnação na realidade, o acreditar na formação dos agentes de pastoral e das pequenas comunidades, a pastoral indígena e a companhia aos que migraram para cá, foi a vivacidade do movimento missionário na Amazônia, a atualização concreta da ventania do Concílio Vaticano II.

Como não perceber os sinais das linhas prioritárias de Santarém no desafio da construção dos planos de pastoral, quase na contramão da desencarnada religiosidade atual, mas emergidos da escuta comunitária, das pastorais, dos serviços, das bases, no ensaio de serem minorias eclesiais e assumidos na ousadia das assembleias pastorais diocesanas e prelatias? São os “sussurros” do Espírito frente ao grande vendaval “tradicionalista, neopentecostal, midiático...” que avança e se impõe de forma normativa sobre nossas comunidades, pastorais, serviços, presbitérios, bispos... Sufoco que deseja, se possível, estrangular a semente conciliar e ressuscitar o sonho de neocristandade. O caminhar junto, clero, o povo de Deus e a Vida Religiosa consagrada, tem sido o antídoto frente ao clericalismo que ganha espaço na vida e missão de muitos irmãos nossos, resistentes às estruturas sinodais.

Numerosos presbíteros desta região carregam também as dores, os sofrimentos e as ameaças da mãe natureza, fruto do extrativismo predatório, lógica da ganância do capital e do lucro, que transforma rios e igarapés da fertilidade em lagos podres e mortos pela mineração, pelas hidrelétricas... fonte de doenças, pestes e precursores de epidemias. Muitos portam consigo o pranto das culturas devastadas e empurradas à beira do sepulcro pela hegemonia da globalização, que seduz as juventudes, também as eclesiais, consagradas e presbiterais. Essas, embriagadas pela rapidez tecnológica, são presas fáceis do consumismo excludente e determinante do que se possa vir a ser e existir na negação suicida da alteridade do outro.

Os presbíteros presentes ao Sínodo da Amazônia, junto aos padres sinodais e o Papa Francisco, fizeram ecoar o grito da *Laudato Sí* por uma Ecologia Integral, onde ecologia e justiça social estão interligados; o cuidado e a defesa da natureza hão de se tornar sempre cuidado com os mais pobres e desfavorecidos da terra, pois tudo está interligado. (Cf. LS 16, 49, 137) A força do amor e comunhão com os pobres é carinho à casa comum depredada, é alimentar o bem viver e apontar para o horizonte da terra sem males, que vem cada manhã.

Boa parte dos padres na Amazônia, com muita simplicidade e resolução, continuam assumindo a teimosa herança evangélica: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância”, cuja concretude tem sido ajudar as pessoas e comunidades a passarem de condições menos humanas para condições mais humanas... É a herança da bem-aventurança da Esperança. Viva a Esperança! Assim nos ensina a cantar um dos “santos padres” da Amazônia, que, por causa do onomástico Pedro, traz consigo a promessa de que as portas do inferno e da besta jamais prevalecerão sobre a vida da Igreja. Vida, de maneira singular a vida doada, caridade maior, herança das testemunhas, sementes da ressurreição e estandarte da vitória da vida sobre a morte; eis Josimo, Ezequiel... e tantos outros que, no anonimato da vida entregue, doada... inauguram um outro mundo.

Muitos presbíteros experimentam na Amazônia, como Nicodemos, nascer de novo na água do ventre cuidadoso das comunidades e no Espírito que habita o coração amoroso dos preferidos de Deus, os pobres. Aqui, muitos foram re-gestados, como os padres jesuítas Horiê e Urbano, que, já em idade avançada, foram concebidos de novo na vida dos Wapixanas, um dos povos indígenas de Roraima. Urbano, com mais de 70 anos, ainda inventa de ir armar sua rede junto aos povos do vale do Javari. Nascer de novo, a boa notícia da conversa mística do mestre Jesus com Nicodemos, não é destinada a todos os presbíteros; para alguns, basta a graça sacramental da ordenação, para outros, o seguir Jesus mais de perto nas suas virtudes e configuração é o devir.

Aqui lembro pe. Odilio Gentil, do povo Desano, jovem presbítero que toma a companhia de seus parentes indígenas e dá passos no serviço e missão nas comunidades da Igreja de São Gabriel. Lembro também do Ir. Carlo Zaquinni, IMC - desde a década de 1960 a serviço da missão de diálogo e serviço a vida dos Povos Yanomami, segunda experiência pós conciliar (1965) de ser presença e gritar com a vida o Evangelho, depois das Irmãs de Jesus junto aos povos Tapirapés, desde 1952. Missão é serviço à Vida, diálogo religioso/cultural, testemunho de Amor, que de estrangeiro se faz próximo, irmão.

Outra herança acolhida por muitos padres, é a Encarnação, único caminho plausível da desafiante inculturação do Evangelho na e com a vida dos povos. Talvez em nenhuma outra região brasileira os presbíteros tiveram tamanho desafio e graça: o dom de aprender “línguas, tirar as sandálias” para pisar a terra santa de outras culturas; aqui experimentaram o atrevido e violento dinamismo kenótico. Aqui, os presbíteros carregam a herança da maior pluralidade linguística e do grande pentecostes cultural das Américas.

Povos, mais de 180, numerosos como os Ticuna, Macuxi, Tucano, Yanomami ou pequeninos como os Juma do Amazonas, os Akuntsu de Rondônia. Esta herança ainda tímida e como um ensaio aponta para a graça soteriológica da comunidade dos discípulos do Senhor Jesus, de salvar e não deixar desaparecer, morrer, os tantos caminhos salvíficos que Deus mesmo instaurou com estes povos, suas espiritualidades, religiões. Eis um desafio grande para nossa fé cristã na Amazônia.

Herança que traz o timbre do evangelho é a vida pobre, frágil e pequena, que vários presbíteros acolhem ou mesmo a realidade os conduz, aqui na Amazônia. Quantos irmãos trazem consigo esta marca, alguns por opção, num caminho de kenosis pessoal, outros ao tomar a companhia dos preferidos de Deus, ou simplesmente o ir morar no interior os faz assim. Um telefonema aos padres que servem em Caruarí, Cucuí, São Paulo de Olivença-AM, nos faria descobrir que esses irmãos vivem como que isolados do nosso mundo; mesmo se for em Barcelos-AM ou Uiramutã-RR.

O interior da Amazônia é determinado pelo ritmo dos rios, cujo movimento é dado pelas chuvas ou baixas das vazantes. Portanto, o mundo do WhatsApp que nos determina e a velocidade da internet só podem ser pensados aos presbíteros de Belém, Manaus, Palmas, Porto Velho, Boa Vista, Santarém... porque mesmo nas outras cidades da Amazônia, já uma boa chuva nos faz lembrar que habitamos “outros mundos”. Tudo vai no remanso das águas, quando não simplesmente não existe e, se existe, não funciona...

Pobre, frágil e pequena, porque de certo modo tudo é habitado na precariedade, nas distâncias e no pequeno. Mesmo a concepção de um passado recente e ilusório de uma presença “cristã católica” já não existe; em boa parte da Amazônia, muitas comunidades foram presas fáceis do neopentecostalismo, cuja visibilidade é evidente ao se navegar perto dos barrancos. Sem falar do grande desafio da secularização na Amazônia, encontrada na opção da não-religiosidade, na espiritualidade perdida no processo migratório de indígenas, ribeirinhos, caboclos... invisibilizados nos centros urbanos

Muitos presbíteros carregam com paixão a grande aventura da formação das lideranças, na sua maioria marcados pelo cansaço e a fadiga de sempre começar de novo, talvez uma marca da comunidade discipular primeira. Aqui, quando menos se espera, as lideranças migram para a grande Amazônia humana de hoje, as cidades. Nos nossos dias, nas cidades se encontra a maioria plural das faces amazônicas. O dom do Espírito, que é formação das comunidades e pessoas “em Cristo”, como canta o Veni Creator, aqui acontece aos “trancos e barrancos”, lutando contra uma pastoral de manutenção e num enfrentamento desigual com a mídia massiva católica, geradora de católicos muitas vezes clericais e amantes da doutrina apologética, cuja indagação é: isso pode? - isso não pode ou - está no catecismo? Mas, vamos nós! No esforço de remar rio acima ou na contramão da enxurrada religiosa vigente. Embalados pelos sonhos da Querida Amazônia, que humildemente “sonha com comunidades cristãs capazes de se devotar e de se encarnar na Amazônia, a tal ponto que deem à Igreja rostos novos com traços Amazônicos.” (QA 7)

Herança bonita na vida presbiteral é a celebração do memorial da Ceia do Senhor, a Eucaristia. Nas cidades maiores, é dominicamente celebrada em boa parte das comunidades. Porém, reconhecemos que nosso grupo presbiteral é por demais pequeno para tamanha geografia e densidade humana. Apesar do esforço e correria, chegamos a presidir a Eucaristia no Dia do Senhor quase sempre mais de três vezes. Nos alegra e nos conforta quando encontramos nas comunidades as ‘rifas, bingos...” em favor de alguém pobre, doente, idoso... do irmão frágil e necessitado.

Aí percebemos que a Eucaristia, de um consumir sacramentalmente o corpo do Senhor, se fez mística da partilha, do cuidado e da comunhão com a vida do irmão, da irmã, gerou a unidade comunitária, formando o corpo místico/sacramental da comunidade. É o sacramento do Amor partilhado, “o pão da vida, a comunhão, nos une a Cristo e aos irmãos, e nos ensina abrir as mãos para partir, repartir o pão”.

Contudo, não entrou ainda em nossa mente e coração a unidade sacramentos - obra da criação, Eucaristia e natureza. O Papa Francisco, na Querida Amazônia, nos lembra desta desarmonia: “Na Amazônia, os Sacramentos não deveriam ser vistos como separação da Criação, pois constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus... Por isso, a Eucaristia pode ser fonte de luz e motivação para todas as nossas preocupações pelo meio ambiente...” (LS 235s., QA 81.82)

Pela graça de Deus, entrou de cheio na vida presbiteral de muitos a preocupação e o zelo para com a Casa Comum. Já em 1979, os pastores desta região acordavam o Brasil inteiro sobre a questão ecológica na Campanha da Fraternidade “Preserve o que é de todos”, e

em tantas outras: 2002 – “Por uma terra sem males”; 2004 - “Vida e missão neste chão”; 2011 – “A criação geme em dores de parto”; 2016 - “Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca”; 2017 – “Cultivar e guardar a criação”.

A vida presbiteral desta região acolhe em sua missão algo mais abrangente, pois cuidar e proteger a Amazônia é garantir um mundo melhor a todos. Ser padre na Amazônia é assumir seu grito, pois o equilíbrio da terra depende também da saúde da Amazônia. (QA 48)

Herança e dom a todo presbítero na Amazônia é a companhia das mulheres, pois não há Igreja nestas terras, rios e florestas sem a “participação e comunhão” das mulheres, em sua maioria num exercício diaconal. São elas que dirigem as celebrações da Palavra, que aqui passam de 80%; são elas que anunciam e formam as crianças, os jovens, as comunidades na Palavra de Deus; a catequese é assegurada por elas e todo serviço da caridade, elas o organizam e fazem.

Quem mais faz rifas, coletas, campanhas em prol dos outros necessitados no grito de socorro, senão as mulheres? Por isso os padres sinodais, encorajados pelas consultas em preparação ao Sínodo, pediram à Igreja a promoção de ministérios de maneira equitativa a homens e mulheres, dentre os quais o diaconato permanente feminino (QA 95, 102 e 103). O pedido seria o reconhecimento sacramental, pois, na vida, as mesmas já o são de fato.

Por fim, estas heranças e tantas outras (comunhão com os bispos, vida fraterna e de equipe, a pastoral de conjunto, o discreto da vida de oração, as vocações autóctones, a corresponsabilidade com os leigos/as, dos ministérios confiados de maneira singular às mulheres...), são ensaiadas na vida presbiteral na graça da precariedade, dos limites históricos, eclesiais, sociais, humanos, ou seja, na expressão do Papa Francisco, da “mundanidade”. Logo, há muito o que se configurar em nós da pessoa do Verbo de Deus humanado, do caminho da encarnação, da proximidade aos pobres, aos outros; há que se aprender muito do Jesus histórico, pastor e mestre, sensível e cheio de compaixão para com os sofredores, pequenos e pecadores, que acreditava nos discípulos e discípulas, os formava e os acolhia nas incompreensões; há que se configurar muito ao Cristo servo, que fugia da visibilidade e poder atrativo, que amava na gratuidade e partilhava com os seus a intimidade com o Pai e confiava-os à missão e ao trabalho do Espírito Santo, pois só a Ele cabe formá-lo em nós.

Rezemos, irmãos padres, para que a graça do Presépio - encarnação e pobreza; da Cruz - doação e o morrer a si mesmo; da Eucaristia - caridade e torna-se bom pão, dê cada dia passos em nosso pecador e frágil ser. Amigos e amigas, rezem por nós os padres.

Pe. Vanthuy Neto - Diocese de Roraima